

EDITORIAL

SEM que isso constitua uma desmedida ambição, desejávamos tentar formular algumas perguntas e experimentar algumas respostas, que polarizassem a ansiedade geral que paira sobre o tempo comum.

Julgamos que esse mal-estar geral, e não localizado, se pode entender como um estado de crise da consciência colectiva, mas partimos certos de que não enunciaremos todas as perguntas, nem estamos seguros de que as respostas que daremos serão as melhores.

É assim mais como uma atitude, como um modo especial de estar presente e enfrentar, que gostaríamos que a nossa acção fosse julgada.

Todos sentimos que estamos perante uma conjuntura mundial e local, que certas elites políticas, económicas e culturais se recusam a olhar de frente e com serenidade, e temos igual convicção de que não interessa enganar tanta angústia e ansiedade com um mito mais, que dispense os homens de procura e trabalho, de consciência e responsabilidade.

Eis por que nos parece indicado, contra um modo astucioso de tratar as coisas e os homens e as suas relações, que, ao nível dos problemas de consciência, haja um modo novo de olhar com atenção, ouvir e pesquisar com humildade, denunciar sem compromissos e concluir com falibilidade.

No fundo, dum problema de verdade se trata ainda: verdade na observação, na análise, na denúncia e na comunicação.

Isto significa que se deve ver com ousadia se as relações dos homens uns com os outros se processam efectivamente em coordenadas de verdade e de justiça, ou, se, uma e outra, se encontram gravemente comprometidas através de formas diversas de opressão, latente ou organizada, do corpo ou do espírito.

Assim, pretendemos lutar, a nosso modo e também, contra a geral «desordem estabelecida», isentos de qualquer confessionalismo ou partidarismo político concreto, preocupados em localizar e fazer incidir o nosso esforço sobre a análise, clarificação e resolução dos problemas que afectam o nosso tempo particular, propondo-nos especialmente, — reflectindo uma concepção libertadora e progressiva da História e da Pessoa Humana, que acentue o primado desta sobre as necessidades materiais e técnicas colectivas em que se baseia o seu desenvolvimento — estudar com atenção crítica todas as formas de regressão e entrave a esse seu progressivo

desenvolvimento, quer no que se refere à organização e governo da cidade, quer ao contexto sociológico, libertador ou opressivo, das expressões religiosas, culturais e económicas em que o homem se move e o condicionam.

Gostaríamos que um pensamento orientado para preocupações deste tipo fosse suficientemente forte para abalar muitos anos de apatia e descrença; suficientemente honesto para poder merecer alguma confiança; suficientemente humano e verdadeiro para poder unir aqueles a quem o homem e a verdade preocupam; suficientemente convincente para poder despertar alguma esperança.

O TEMPO E O MODO